A PLEBE

ASSIGNATURAS
Anno. . 10$000 — Semestre. . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
As assignaturas começam sempre no 1.o do mez em que são tomadas
Numero avulso: Da semana, $100; atrazado, $200

Toda a correspondencia a Edgard Leuenroth
Endereço: Caixa Postal, 195 — S. Paulo (Brasil)
Redacção e Administração: Largo do Palacio, 5-b

ANNO I — NUM. 19
30 de OUTUBRO de 1917
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS
Os annuncios na 4.a pagina são inseridos á razão de 300 réis por cent. de columna

Qued Veritas?

E' esta, por certo, a pergunta que paira sobre aquelles que não têm uma noção exacta ou mesmo preliminar do que seja a Razão e a Justiça nessa questão da turba revoltada contra a actual organisação social que, recorrendo a todos os meios, defende o systema economico da exploração e defende o Estado, cuja força que o escuda é a violencia sanccionada.

E' essa perguda o meio termo, resultado das verdades proclamadas pelos abnegados apostolos da Anarchia e consequencia da mentida critica que fazem os governantes e os jornalistas pouco escropulosos—a serviço do «correr do martello».

Já não existe o terror que outr'ora causava a palavra: *Anarchista*. Não. O povo já os conhece e sabe que elles prégam um ideal que é a suprema e sublime aspiração da humanidade soffredora. O povo sabe que os anarchistas são homens que se revoltam contra os crimes da sociedade, contra as injustiças convencionadas para salvaguardo dos interesses dos governantes e capitalistas, cujo poder se apoia nas bayonetas que homens inconscientes manejam.

Mas, esse mesmo povo que fórma suas opiniões baseando-as nos artigos dos jornalistas incendiarios e negociaveis; esse mesmo povo que regula o seu modo de vêr, segundo as sentenças dos jornaes grandes e das conferencias policiaes do supremo tribunal, — tambem fica perplexo ante o que se diz desses homens que foram e são ouvidos nas prrças publicas e nos salões, que foram e são vistos a trabalhar, conquistando o pão da vida.

De um lado os filhos do povo prégando contra as mentiras religiosas, contra a exploração capitalista e contra as violencias do Estado.

Do outro, a religião insinuando crimes barbaros commettendo os até depois de ter expendido doutrinas fallidas e mentidas; o capitalismo querendo, pela fome, reduzir a pilheria o sempre crescente levante das massas que soffrem; e, por fim, o Estado, reunindo em sua reacção a defesa da religião e do capitalismo, que emprega os meios mais criminosos para suffocar os gritos rebeldes dos filhos do povo.

— O que é a verdade?

E' essa a pergunta que fazem os homens ainda ignorantes do que seja o direito natural e o direito constituido.

Porém a indecisão é sempre momentanea, porque a necessidade de saber, a curiosidade de conhecer, os leva a alcançar os livros da Verdade. E' na Sciencia que os homens ainda apegados á rocha da ignorancia vão encontrar as verdadeiras leis da Razão e da Justiça, encontrar a Luz que guia esses denodados apostolos da Liberdade—precursores da felidade humana.

Então comprehendem porque os anarchistas são perseguidos, porque são victimas de todas as barbaridades imaginadas pelos assassinos que a lei constituida garante.

Eu estou certo de que, ainda depois de conhecedores da verdade que préam os anarchistas, ainda depois de revoltados contra a Sociedade por terem soffrido as suas injustiças e crimes, esses homens e mulheres, que hoje duvidam, por ignorancia, ainda repetirão:

— Quem tem Razão? Onde está a Justiça? O que é a Verdade?...

...O povo protesta e não é ouvido; o povo repele o systema economico e a exploração augmenta; o povo renega as religiões e os deuses multiplicam-se; o povo rejeita os governos e o Estado impõe-se pela força...

...O Capitalismo mais e mais enterra suas unhas nos homens do trabalho; as Religiões continuam a prégar o abaixamento moral, a escravidão e a ignorancia; o Estado manda assassinar nas vias publicas, arma automoveis blindados para metralhar os que reclamam e exigem, arma canhões para erguer bem alto a voz do seu poderio, augmenta o numero de capangas matadores, deporta homens honestos e de conducta inatacavel, invade lares, assalta aposentos e rebusca criminosos nos berços dos pequeninos, rouba e saqueia os haveres usuaes das suas victimas!...

— O que é a verdade?

E' a que prégam os anarchistas educando pelos livros, pela imprensa livre, nas praças, nos salões, nas officinas e nos lares—ou é a Sociedade que mata sempre, rouba todos os dias e insulta em todos os actos?...

Quem tem Razão?
Onde está a Justiça?

***

Um incapaz de proceder, diz n'um livro:

«OS RICOS GRADEIAM OS SEUS PALACIOS COM LAMINAS DE BAYONETAS E HA METRALHADORAS NOS BURACOS DAS FECHADURAS».

Ha nessas palavras um como que confessar a impossibilidade de transpôr as muralhas da Bastilha Moderna; transparece um rendimento de força ante a supremacia das armas da burguezia.

Mas, é ainda esse desesperado escriptor quem diz:

«OS REIS, VELHOS DEVASSOS, COMEÇAM A TREMER. TUDO TERÁ SEU FIM. DEPOIS DE TER DADO A TRAÇA NAS RELIGIÕES DÁ O CARUNCHO NOS THRONOS. COMEÇAM A RUIR AS CATHEDRAES. DEUS DEITA-SE FÓRA COMO UM VELHO TRAPO INUTIL. AS TABOAS DOS ALTARES DE HA MUITO QUE TEM NÓDOAS DE VINHO E ONDE OUTR'ORA SE ENTERRAVAM SANTOS LEVANTA O PROGRESSO «WATER-CLOSETS».

A CANALHA APRENDE O «REFRAN» EM QUE SE DIZ QUE AS BRANCAS DECOTADAS IMPERATRIZES NÃO VALEM AS SOMENOS PROSTITUTAS.

E OS REIS, DEPOIS DE TEREM ROLADO PARA DEBAIXO DAS MEZAS, EBRIOS DE CHAMPAGNE, ROLARÃO DE VEZ ÁS MÃOS DA POPULAÇA...

— O QUE SÃO OS THRONOS E OS ALTARES? QUEM É DEUS? O QUE SÃO OS REIS?

— VELHAS USANÇAS E VELHOS BANDIDOS QUE A CANALHA TOLERA E ESTIPENDIA.»

Eu creio ser êsse o pensar dos homens que não têem peias politicas nem tem a dignidade vendida aos paizes em guerra; eu creio ser esse o modo de pensar de todos os homens de caracter independente e sentimentos rectos.

Assim pensam as victimas de todos os *cocós* que contribuem a Burguezia.

O Estado pratica a violencia para abafar os levantes do povo, mas nem por isso os levantes cessam nem os individuos abdicam das suas aspirações de Justiça. A Idéa ganha terreno e o campo da lucta comporta mais anarchistas!

Maior numero de violencias praticadas pelo Estado chamará para o ajuste de contas maior numero de vinganças.

A intelligencia, occupada pelo Estado, poderia minorar o choque. A violencia abrevia e recrudece o motim, prenuncio da Revolução.

A VINGANÇA! (Ex. B. Aires, 1909).

. . . .

Cuidado, oh vós que julgaes estar livres da vingança popular abrigando-vos nos automoveis blindados, nas metralhadoras, nas bayonetas, nas ilhas das cobras e nos navios fantasmas! Cuidado...

A Russia tinha knuts, masmorras, forcas, minas na Siberia e muitas outras coisas.

Olhae para o resultado do *ensaio* do povo russo; procurae o Tzar e os Tzarinos...

Que a prophecia do padre Julio Maria se cumpra, é impossivel; mas que surja um Caserio, um Ravachol ou muitos Radowskys, é explicavel.

Os vossos crimes exterminam «factos» que a Historia regista e glorifica.

Não podeis refutar as verdades sublimes da Anarchia e quereis exterminar os seus apostolos e adeptos, matando-os em praça publica e deportando-os.

Sois impotentes para tolher a marcha das reivindicações humanas, e quereis abafar os gritos de revolta com as descargas das vossas metralhadoras.

Julgae-vos fortes e invenciveis.

Tendes á vossa disposição armas e munições, cadeias, masmorras e poços, navios e ilhas, leis e canhões, legisladores e soldados, juizes e carrascos, padres e espiões.

Tendes tambem dinheiro e, consequentemente, jornalistas, jornaes e opiniões.

Que poder!

Mas eu ainda vos digo: *cuidado!...*

Sêde mais intelligentes e mais humanos para com vós mesmos.

Amoldae-vos á marcha da sciencia e ás reivindicações da Humanidade.

Não procureis tolher as conquistas humanas, porque se infundis terror na mente dos ignorantes, esse terror desapparece ante a Verdade como desapparece na immensidade do espaço a baforada de um cigarro.

— O que é a verdade?

— E' essa que avança gigantesca e inexoravel: E' a Idéa — a Anarchia.

...Cadeias, masmorras, poços, navios, ilhas, leis, canhões, legisladores, soldados, juizes, carrascos, padres, espiões, jornalistas, jornaes, automoveis e bayonetas, serão reduzidos a frangalhos...

Todo o vosso poder «*uma grama de um pó verde basta para reduzir, com todo o seu valor, á apparencia de um pedreiro desgraçado que cahiu de um sexto andar abaixo*». (L. T.—F. de Sampaio).

Cuidado...

Amoldae-vos á Verdade...

Rio, 10—10—917.

Octavio Prado.

GUANABARINAS

RIO, 24 DE OUTUBRO.—*Só agora soube que uma destas guanabarinas foi lida no Supremo Tribunal, influindo ou não, desfavoravelmente, no julgamento accordado ao pedido de habeas-corpus impetrado em beneficio dos anarchistas expulsos de S. Paulo. Eu dizia, si bem me lembro, que era inutil esperar justiça do referido Tribunal, e aconselhava o povo a deitar fogo ao edificio do mesmo, num momento em que lá se achassem reunidos todos os ministros, que teriam, assim, um fim merecido e justiceiro. Parece que o meu conselho causou escandalo e as minhas palavras foram apontadas como exemplo da ferocidade dos anarchistas, prevenindo, de tal modo, o animo dos juizes contra os pacientes. Houve até, segundo me informaram, quem censurasse asperamente a minha attitude desabrida e imprudente, que teria prejudicado a causa dos perseguidos... Ora, eu não retiro nem uma virgula da guanabarina citada. Estava, então, e estou, hoje ainda, absolutamente convencido de que o Supremo Tribunal Federal é uma casa de falsa justiça, uma casa de mentiras, uma casa de chicanas e de burlas, — a casa suprema do Direito, esse deus tortuoso e tentacular, em cujo nome os quadrilheiros dominantes praticam e executam o seu systema de rapinagem industrial, commercial e governamental. Essa mesma iniqua e injustissima expulsão dos anarchistas de S. Paulo, como foi levada a effeito? Em nome do Direito de defesa da «ordem social» reinante. E não foi o proprio Supremo Tribunal, ao negar o habeas-corpus, o primeiro a reconhecer o Direito que tem o Estado de expulsar os estrangeiros prejudiciaes a essa «ordem social»? Pois si assim foi e assim é, que devo eu dizer ao povo? que tire o chapéu e se ajoelhe diante do Tribunal, implorando-lhe misericordia e ajuda? Não! o unico conselho digno e decente é aquelle que eu dei—fogo! Eu estou irrevogavelmente certo disto: si o povo se decidir a deitar fogo ao edificio do Supremo Tribunal, com os juizes lá dentro, assando-os a todos de cambulhada com as formosas leis deste regimen,— desse dia em diante nenhum anarchista, tenha nascido na China ou no inferno, será expulso mais desta terra. Duvidaes? Pois experimentemos: eu já tenho preparada a minha caixa de phosphoros...*—ASTPER.

Latidos sem éco...

Diz a imprensa do governo que são estrangeiros quasi todos os anarchistas existentes no Brasil.

Não queremos contestar o asserto. Unicamente diremos que isso não será caso para admirar ninguem.

Se o operariado é quasi todo estrangeiro; se o industrialismo tambem é estrangeiro na sua maioria,— claro está que os anarchistas não poderão ser exclusivamente nacionaes...

Residem aqui, aqui trabalham, aqui são explorados, aqui soffrem as injustiças sociaes.

Onde deverão, pois, combater o mal que os affecta e a todos os productores senão aqui tambem?

Naturalmente essa imprensa queria que elles fossem tratar de tal assumpto para a Cochinchina ou para a Hottentotia...

Contra a moderna inquisição republicana

Protesto dos deportados

Nós, os modestos operarios paulistas deportados para fóra do Brasil, por reclamarmos nossos direitos, que são os do povo productor, julgavamos que as leis do paiz fossem respeitadas pelos representantes do poder publico.

Sabiamos que a constituição nacional, em seu artigo 72 e outros, garante a todos os cidadãos nacionaes ou estrangeiros as liberdades de reunião, de imprensa, de palavra, de gréve, etc.

Ao amparo da lei, exerciamos nosso direito e liberdade. O povo operario de S. Paulo, fazendo uso dessas faculdades, defendia-se dentro da ordem contra a excessiva especulação dos exploradores e dos açambarcadores dos generos de subsistencia da população, contra os promotores dos *trusts* da agricultura, da industria e do commercio, os quaes aufeririam com esse processo criminoso lucros incalculaveis, emquanto fomentam a fome e a miseria entre as classes menos favorecidas da fortuna

O monopolio, a exploração desenfreada chegou ao ponto de criar para o operariado e até para a classe média uma situação insustentavel,

Em consequencia, o descontentamento e desesperação geral da população começou a manifestar-se depois de prolongados jejuns e ante a escandalosa ganancia dos argentarios em sua quasi totalidade estrangeiros; as gréves começaram a manifestar-se expontaneamente entre o operariado, que reclamava contra o augmento do preço dos generos de primeira necessidade, pedindo como compensação um accrescimo nos salarios afim de restabelecer o equilibrio na vida economica dos homens do trabalho, e tornar possivel sua subsistencia.

O patronato e com elle o governo paulista, pensaram, porém, de maneira diversa, e procuraram reprimir o movimento, appellando apenas para todas as medidas de violencia.

Estas medidas, longe de acalmar os animos, contribuiram para generalisar o movimento, e durante a terceira semana de Julho p. p. a capital paulista e outras cidades daquelle Estado, foram theatro de uma gréve geral, de um protesto unanime da população contra a carestia da vida e contra os açambarcadores que matavam o povo á fome.

Terminando este movimento, mediante um accôrdo entre as partes interessadas, no qual ficaram consignadas algumas concessões por parte do governo e dos patrões, tudo voltou á calma habitual.

Mas agora, depois de dois mezes, quando se julgava que tudo havia terminado, os reis da industria e do commercio, de connubio com as autoridades, prepararam uma perseguição violenta contra o operariado, assaltando e dissolvendo as organisações operarias, roubando os moveis, destruindo as bibliothecas, empastelando as typographias, violando domicilios a altas horas da noite, arrancando da cama pacificos paes de familia, prendendo e espancando barbaramente, insultando e atropelando como em qualquer bordel mulheres e crianças.

Os nove deportados que estamos a bordo do *Curvello*, FOMOS CASTIGADOS PHYSICAMENTE e sequestrados em S. Paulo, Santos e Rio, sem que pudessemos communicar com qualquer pessoa.

A policia paulista roubou-nos o dinheiro, relogios, documentos, tudo quando possuiamos no momento de nos prenderem, sem que se dignasse fazer a necessaria restituição.

A nossa prisão e deportação teve logar sem processo nem motivo algum, pois, como já dissemos, não havia movimento que desse origem a qualquer medida policial, isso fez-se simplesmente para satisfazer vinganças torpes e mesquinhas.

O governo de S. Paulo e os argentarios praticam toda a sorte de arbitrariedades e violencias contra o operariado, destruindo as familias proletarias e levando ao completo desamparo os filhos de muitos trabalhadores que vêem seus paes serem-lhe arrancados brutalmente dos braços.

Dos nove deportados quasi todos têm de 10 a 28 annos de residencia no paiz, tendo aqui constituido familia, trabalhando sempre, derramando gotta a gotta o seu suor para ganhar o pão. E, — caso typico—um dos deportados, é brasileiro nascido na capital de S. Paulo!...

As malditas violencias de que somos alvo soffremol-as por julgarmos ingenuamente que o operariado do Brasil fosse gente, por entendermos que os governantes tivessem algum respeito pela lei, pela magna carta constitucional. Pateticamente fizemos uso dos direitos que a sociedade concede a todos os cidadãos, mas, agora pagamos as consequencias da nossa candidez. Agora sabemos que somos punidos sem ter commettido delicto nenhum e estamos convencidos de que o operariado no Brasil está fóra da lei, que para elle não ha garantias, que sobre sua cabeça pende o estado de sitio e o chanfalho policial. PARA QUE O OPERARIO NO BRASIL SEJA LIVRE É PRECISO UM NOVO 13 DE MAIO!

Esperançados, no entanto, em que os trabalhadores saibam continuar na luta pelos direitos do homem, ao mesmo tempo fazemos constar o nosso protesto contra as infamias que a inquisição republicana deste paiz commette contra os pioneiros do trabalho, do progresso e da civilisação desta terra digna de melhor sorte.

Primitivo Raymundo Soares.
Francisco Arouca.
Antonio Nalipinsk.

Aos nossos amigos e assignantes da Mogyana

O companheiro deste jornal, Antonio Abranches, já percorreu quasi que toda a linha Mogyana, em cobrança das assignaturas d'A PLEBE.

Pedimos, por isso, aos amigos e assignantes que não foram encontrados pelo nosso auxiliar, o obsequio de nos enviarem pelo correio as importancias de suas assignaturas.

A SOCIEDADE E O ESTADO

A sociedade se estende a todo o mundo, sem que a limitem as raças, as religiões, os idiomas nem as leis nacionaes.

O Estado, cada Estado, se circumscreve a suas fronteiras, e se estica e encolhe por conquista, por matrimonios regios, por testamentos de autócratas e raramente por annexação.

A sciencia, a arte, a industria, o commercio, a imprensa e as communicações dão ao homem direito de cidadão em todas as latitudes; o conhecimento, qualquer que seja a sua procedencia local, tirado e desenvolvido pela imprensa, adquire adaptação e applicação mundial; a arte enaltece o sentimento com a concepção e expressão da belleza sem limitação geographica; o commercio transporta e permuta os productos naturaes e industriaes para satisfação das necessidades de todos os habitantes do globo. Numa palavra: a Humanidade é una e indivisivel pela constituição, conservação e continuação indestructivel da Sociedade.

O Estado, pelo contrario, limita e cohibe o homem com a autoridade e a lei, divide e fracciona a Humanidade com as fronteiras. Autoritário e legalmente inventa e mantem privilegios, systematisa a oppressão e o vilipendio dos inferiores, dá apparencia de justiça e impõe a obediencia a quantos processos adoptaram os usurpadores mandarins para continuar imperando.

A Sociedade, livre recipiente de todas as manifestações da intelligencia, da imaginação e da actividade humanas, progride por aggregado constante dos productos, saber e poder dos homens, sem que por si mesma crie a menor difficuldade nem opponha o menor obstaculo ao incessante movimento de avance progressivo.

O Estado impede a livre e natural expansão humana com a sua irracional e barbara legislação da propriedade, dando a uns a posse da terra e com ella a usurpação e o monopolio da riqueza social, e privando a outros dos meios de instrucção e de vida.

Na Sociedade o homem acha e achará mais, cada dia, o seu complemento: tudo o que até ao momento presente se ha pensado, estudado, observado, experimentado e descoberto, entregue ao trabalho, á producção e á circulação, estaria actualmente á livre disposição de todo o mundo, constituindo um patrimonio universal, se o Estado não houvesse dado forma de direito á expoliação praticada pelos usurpadores privilegiados, aos quaes favorece e defende contra as queixas, os protestos e a rebeldia dos desherdados.

A differença existente entre a Sociedade e o Estado origina a Anarchia, que acceita a agrupação humana no que tem de racional e positivo, e combate o irracionalmente interposto como nocivo e violento.

E claro está, o racional e positivo é a Sociedade; por ella o homem prehistorico estendeu e multiplicou seu poder com a experiencia tradicional e com as armas e instrumentos para a defesa, ataque e trabalho. E o superposto, nocivo e violento é o Estado, que atrophia ou desvia as faculdades humanas com as fronteiras, a autoridade e a legislação, e tem como sua logica consequencia a tyrannia, o privilegio e a pobreza desherdada e abjecta.

O anarchista reconhece a Sociedade como producto natural da evolução, e rechaça o Estado como rémora, como estorvo, como impedimento. Não tem, pois, analogia nem concomitancia com os liberaes de todos os matizes, com os democratas soci-listas nem com os democratas radicaes, que pretendem influir no progresso humano com reformas no Estado de seu respectivo paiz, como não a tem a Medicina, por exemplo, que é a experiencia e a sciencia dos seculos, com o curandeirismo, que é a charlatanaria dos viredores e a superstição dos ignorantes.

O anarchista aforma a vida, a liberdade e a fraternidade dos homens em toda á redondeza da terra, como ha de affirmal-as o homem equilibrado que com a singelleza do legendario Adão alcançasse a vida mentalidade de um Reclus, enquanto que o politico, seja socialista, republicano ou monarchico, pede reformas de caracter progressivo, estacionario ou regressivo ao seu Estado, seja o minusculo principado de Monaco ou a colossal Republica dos Estados Unidos, descuidando por malicia e por ignorancia o que affecta essencialmente ao bem-estar e ao aperfeiçoamento da sociedade e sem ter em conta que o pequeno e miseravel não pode conter o grande e forte.

A contradicção entre as ideias Sociedade e Estado é manifesta e sua confusão é funestissima: por ella se têm esterilisado as revoluções, deixando subsistir no passo e grandes transtornos revolucionarios o conceito legal da propriedade que dá ao proprietario capitalista o monopolio da producção e dos meios de produzir, e o conceito tambem legal, da exploração, que despoja o trabalhador do fructo de seu trabalho e o priva de participar da riqueza social.

Por essa contradicção e essa confusão existe o patriotismo que encobre a mais iniqua desigualdade sob a forma de sentimento commum a oppressores e opprimidos, e ha trabalhadores ingenuos que votam e candidatos astutos que se deixam eleger, sustentando todos a farça parlamentar que prolonga a existencia do Estado depois que se annullou o supposto direito divino dos reis e continua prolongando-se as peias oppostas pelo Estado á marcha progressiva da sociedade.

Em resumo: a Sociologia, sciencia da Sociedade, inspira o criterio analytico e critico do anarchista, e as demonstrações, conclusões e applicações dessa sciencia, determinantes racionaes das relações dos homens, terão extensão e vida immortal sobre as ruinas de todos os imperios, de todas as monarchias e de todas as republicas, a partir do triumpho da Anarchia.

ANSELMO LORENZO.

Que contraste!

Estão em gréve os ferroviarios do Rio Grande do Sul. Sedentos de uma desforra e indignados por não verem as suas pretensões satisfeitas, têm elles praticado os maiores estragos. Propriedades assustadoras já attingiu essa grève, que nem de leve póde ser comparada á grève havida em Julho, aqui em S. Paulo. Esta não foi nada diante daquella. Até o povo já se uniu aos grevistas e commette sabbotagens de vulto.

Os prejuizos occasionados pelos paredistas são consideraveis.

Não obstante tudo isso o governo do Rio Grande do Sul, não agiu até agora como o governo de S. Paulo, por occasião da grève a que nos referimos atraz.

Verdade é que houve em Sta. Maria um conflito sangrento entre a policia e os grevistas. Mas tambem é verdade que a responsabilidade dessa chacina cabe unicamente ao selvagem Olympio Rosa, que o povo teria justiçado por suas proprias mãos se elle não se tivesse posto em logar seguro.

Além disso nada mais houve contra os grevistas. Não soffreram ainda, por ordem do governo, as violencias ou as accusações de «perigosos anarchistas» como os seus companheiros de S. Paulo.

Lá não se prenderam cabeças de grève, não se registaram deportações para Barbados e não se pretende suffocar a grève a pata de cavallo.

No entanto havia razões mais ponderosas para tudo isso se fazer. E para contrastar mais a conducta do governo riograndense com a do deste Estado, o presidente Borges de Medeiros, no seu telegramma do dr. Wenceslau Braz, disse:

«A greve tendo a recrudescer, e, não obstante, a companhia arrendataria nada fez ainda para aplacar e satisfazer seu pessoal, parecendo antes querer subjugal-o pela força, exclusivamente.

Entretanto, a gréve é legitima e por isso conta com as sympathias geraes da população riograndense. Urge deferir as justas reclamações dos operarios no que concerne especialmente ao augmento dos salarios e reducção de horas de serviço, por serem aquelles notoriamente mesquinhos e demasiado exhaustivo e até deshumano o trabalho actualmente exigido».

Saudamos os companheiros do Rio Grande do Sul por estarem sendo alguns de uma melhor sorte e enviamos-lhes os nossos applausos pela attitude energica e necessaria que têm mantido, dizendo:

— Que contraste!

A PLEBE vive em má situação financeira, mercê das perseguições exercidas pela policia.

Sendo indispensavel recolher os recursos necessarios á continuação da sua publicidade, vemo-nos na contingencia de suspendel-a por um ou dois numeros.

Appellamos, por isso, para a solidariedade operaria e para quantos sympathisem com o ideal que propagamos, afim de que tudo façam no sentido de nos ser facilitado o caminho que vimos trilhando.

Qualquer quantia, por insignificante que seja, representará um valioso auxilio, tanto mais para agradecer quanto é certo fracassarem inteiramente os covardes planos dos nossos implacaveis inimigos.

Que todos cumpram, portanto, o seu dever, demonstrando inabalavel fé no triumpho da causa sublime da redempção humana.

Ou vae ou racha!

Continúa desenfreado o arbitrio policial. Diariamente se constata a necessidade de fortes reagentes para o curar dos repetidos delirios alcoolicos que lhe transtornam a mioleira.

O odio que elle vota ás organizações operarias, então, nem se descreve. Por da ca aquella palha, invade qualquer Liga, prende quem está lá dentro e ordena o encerramento das suas portas. Se um ou outro operario menos timorato verbera, em termos commedidos, os escandalosos desacatos á lei por elle praticados constantemente, é logo agarrado com brutal violencia e metido por longos dias numa infecta masmorra.

Ainda agora presenciámos isso no Belemzinho. Para ser agradavel ao campiro-mór que é o conde Matarazzo, o asno do Bandeira de Mello mandou á cachorrada do seu canil assaltar á Liga Operaria e prender alguns companheiros. Depois, querendo demonstrar quanto se interessa pela sorte dos trabalhadores, foi pessoalmente catechisar os grevistas, aconselhando-os a retomar o trabalho, pois que todas as suas reclamações seriam attendidas... Elle dava a sua palavra d'honra...

Conseguindo apenas que lhe apresentassem... as armas de S. Francisco, o bipede barrical lembrou-se doutro estratagema. A' noite, quando tudo dormia, tomou a direcção da rua Passos, onde mora uma companheira das mais enthusiastas pela greve.

Ali chegado, bateu-lhe á porta sem a menor ceremonia, e convidou-a e lhe vir fallar um instantinho. Attendido incontinente, principiou mellifluamente dizendo coisinhas bonitas: que acabasse com *aquillo*... que convencesse as outras moças a voltarem á fabrica... que não désse ouvidos aos agitadores... que o Matarazzo, bondoso até o extremo, saberia fazer-lhes justiça...

A nossa companheira sorriu-se do palanfrorio do burranca, agradeceu-lhe tamanhas amabilidades e... foi metter-se novamente debaixo dos lençoes.

Este simples amostra põe em evidencia a parcialidade policial: em vez de se manter neutra ante os conflictos do Capital e do Trabalho, a matilha fardada faz precisamente o contrario: colloca-se ao serviço do primeiro, para manter a escravidão do segundo.

Pudera! Se o Matarazzo paga bem todos esses favores...

Pro' victimas da policia

No salão da Federação Hespanhola, á rua do Gazometro, 99, realisar-se-á no dia 14 de Novembro proximo, um festival artistico promovido por um grupo de amadores desta capital, em beneficio das familias dos operarios arbitrariamente presos e deportados pela policia.

O seu programma é o seguinte:

1.ª parte — Symphonia pela orchestra;

2.ª parte — *Lo Inebitable*, drama em 3 actos, de grande actualidad;

3.ª parte — Conferencia por um companheiro;

4.ª parte — *La Trompa de Ustaquia*, excellente comedia em 1 acto;

5.ª parte — Kermesse e baile.

OS CRIMES DO ESTADO

Ultimamente, uma campanha infame tem surgido na imprensa governativa contra os apostolisadores das ideias avançadas, a quem se apóda de criminosos da peor especie, de inimigos contumazes da sociedade.

Essa campanha, tresandando a odios mal contidos, é levantada por meia duzia de imbecis sem escrupulos, impudentemente assoldados pela tyrannia dominante.

Esquecem-se, porém, os torpes detractores dos ideaes redemptoristas, que a tal *vontade* superior, que se impõe ao povo para o dirigir, e a que se chama Estado, pratica á sombra da ignorancia popular toda a casta de crimes os mais hediondos.

Assim, em nome do Estado, milhares de trabalhadores são obrigados a mourejar dez e doze horas por dia, recebendo em troca um salario diminuto, insufficiente para a satisfação das suas necessidades.

Em nome do Estado, legiões enormes de operarios que trabalharam sem descanço durante quarenta ou cincoenta annos, a ponto de exgottarem as ultimas forças, vêm-se na contingencia de estender a mão á *caridade publica*, isto é, áquelles que enriqueceram á sua custa.

Em nome do Estado, prostituem-se e pervertem-se milhares de creanças á mingua do pão e educação, pois que estas duas coisas essenciaes estão monopolisadas pelos opulentos e poderosos, cujos filhos são os unicos a terem o direito de comer e se educar.

Em nome do Estado, rouba-se centenas de productores ao convivio de suas familias, subtraindo-se ao trabalho do campo e da officina, para irem defender uma casta privilegiada, quando esta não consente em ser incommodada na sua digestão...

Em nome do Estado, mandou o torvo assassino que se chamou Napoleão massacrar um milhão de homens inermes.

Em nome do Estado, fuzila-se na praça publica á multidão desherdada que reclama um logar á mesa do banquete social.

Em nome do Estado, incendeiam-se cidades inteiras, esquartejam-se creanças innocentes, violentam-se mulheres indefesas; destroem-se monumentos de arte e arrazam-se alouradas messes.

Em nome do Estado, afundam-se navios mercantes carregados de subsistencias e outros artigos essenciaes, canhoneando-se os barcos salva-vidas para dar cabo dos infelizes nelles recolhidos.

Em nome do Estado, finalmente, atiram-se milhões de homens uns contra os outros, sem se conhecerem, sem nunca se terem visto, sem terem a menor razão para se quererem mal.

Todos estes crimes, horripilantes e tenebrosos, são logicos e acceitaveis para os jornalistas venaes da imprensa burgueza!... Por isso elles calumniam e insultam os batalhadores strenuos da causa mais nobre e justa.

O Estado é, pois, essa terrivel machina destruidora que arrasta milhares de homens ao matadouro humano — A GUERRA. E os politicos, que pregam ao povo o militarismo, jámais se levantaram contra esse tremendo flagello.

E' que toda essa série de nefandas monstruosidades é praticada em nome do patriotismo e do poder, constituido pela força e que só pela força poderá ser destruido.

Nós, os *criminosos* que trabalhamos em pról duma sociedade egualitaria, sem leis nem amos, abolindo fronteiras, destruindo privilegios de classe, formando uma só patria — a TERRA, uma só familia — a HUMANIDADE, uma só classe — os PRODUCTORES, queremos que a terra e os instrumentos de trabalho sejam postos á disposição de todos, consumindo e produzindo livremente, trabalhando «cada um segundo as suas forças e consumindo segundo as suas necessidades.»

Trabalhadores! Não vos fieis nas cantigas dos burguezes, que só têm em mira conservar-vos eternamente sob o jugo ferreo da escravidão e do despotismo. Deveis, sim, mostrar-lhes que estaes predispostos para fazer os ultimos sacrificios pelo ideal que synthetisa a Liberdade e a Justiça.

Enquanto existir a exploração do homem pelo homem, mantida pelo braço do capital, lutae sem esmorecimentos para que a humanidade possa ser livre e feliz.

ANDRADE CADETE.

Os nossos expulsos

Continuamos a não saber o paradeiro de nove operarios conhecidos no nosso meio social, sequestrados pelas autoridades policiaes ha mais de quarenta dias.

Consta-nos que elles seguiram a bordo do *Curvello*; consta-nos que estão presos em Recife, sob uma rigorosa incommunicabidade; diziam os telegrammas dos jornaes diarios que os outros seis não conseguiram desembarcar em Barbados, logar destinado para o seu desembarque — conforme conseguimos saber por linhas travessas.

Tudo isto nos consta, porém nada sabemos de positivo.

As autoridades desta terra negam-se a todas as explicações. Não ha mais direitos de cidadão. Todas as garantias que com sangue foram conquistadas e que perante o mundo nos collocavam á altura de povos civilisados, são uma mentira!

Não ha mais garantias individuaes! Não ha mais a inviolabilidade do domicilio! Estamos á disposição do primeiro tyrannete policial!

Aqui, como na antiga Russia, sequestra-se o individuo, saqueiam-se-lhe os haveres e não se lhe concede o direito de defesa tão decantado por todas as Democracias.

Nove homens foram arrancados do convivio das suas familias e amigos. Não sabemos o fim que lhes foi dado. Mas sabemos que não estão em liberdade!

Sabemos que um crime com elles se está praticando. Sabemos que as mais altas autoridades da republica são coniventes com essa monstruosidade. Sabemos mais que a justiça dos Tribunaes continuará acorrentada aos interesses de Matarazzo e mais escravocratas paulistas.

Continuem, srs. Thyrso e Chaves, continuem semeando ventos. Mas estejam certos de que a historia não será desmentida e a colheita desta sementeira de odios ha de ter o seu natural desenlace.

O povo é como o grande oceano: depois de longas calmarias, manifestam-se as grandes tempestades...

Não será com as violencias policiaes que se consegue dominar os odios populares, assim como não serão os soffrimentos impostos aos abnegados lutadores, quem os obrigará a modificar as suas opiniões. Não. Elles continuarão sendo os mesmos revoltados contra as injustiças sociaes; a sua obra de regeneração humana não será interrompida por esto acontecimento que marca mais uma gloria na sua vida de propagandistas. Isto lhes dará alento e os martyrios e privações ser-lhe-hão bem recompensados pela satisfação de haverem cumprido o seu dever, defendendo uma causa nobre e justa que é a Anarchia.

S. Paulo, 26-10-917.

Waldemar Graça.

Guerra com elles...

Na guerra precisa-se, principalmente, de gente valente.

Ora o Bandeira de Mello, o Fernando Schmidt, o Tyrso Martins, o Rudge Ramos, o Virgilio do Nascimento, o Acacio Noguiera e quejandos inquisidores paulistanos têm dado sobejas provas da sua valentia. Merecem, por isso, ir para a matança.

Se elles se atirarem aos «boches» como se atiram aos operarios, nem a alma dum só allemão será aproveitada...

As leis produzem as guerras e as guerras arrebatam uma parte dos habitantes do mundo. — LINGUET.

Mais uma infamia patronal

Pelo simples facto de ter involuntariamente quebrado uma balança quando a transportava do um andar para outro da Amidoria Matarazzo, foi de lá despedido brutalmente o operario Antonio Fernandes, que ainda por cima teve de pagar 20$000, pelo damno insignificante que havia causado.

Já temos tido ocasião de atacar asperamente o procedimento infamante de certos patrões, sem entranhas e por isso limit mo-nos, agora, a narrar tão sómente, esta nova infamia, do xando aos nossos leitores o trabalho de a commentar.

Os exercitos foram criados em apparencia para conter o estrangeiro, mas em realidade para opprimir o habitante. — J. J. ROUSSEAU.

Pelourinho da policia

Um operario preso por comprar sardinhas!

Outras violencias

Procurou-nos ha dias João Antonio Lopes Padilha, operario da Companhia das Aguas e Exgottos, para nos solicitar que protestassemos contra a arbitrariedade de que fôra victima, na primeira quinzena do mez passado, quando no mercado livre da rua Piratininga se propunha comprar sardinhas a um dos negociantes ali estacionados.

Conduzido para o posto policial do Braz, Padilha foi encarcerado, depois de despojado de todo o vestuario, num cubiculo estreito e humido, onde, durante tres dias, permaneceu sem comer, sendo obrigado a satisfazer ali mesmo as suas necessidades corporaes!

Findo esse lapso de tempo, removeram-n'o para outro calabouço mais espaçoso, no qual estavam differentes victimas dos mastins fardados, contando-se entre ellas alguns dos nossos camaradas deportados.

Decorridos quinze dias resolveram-se, emfim, a ser condescendentes com elle, e soltaram-n'o, sem lhe dar quaesquer explicações!

Padilha descreveu-nos ainda varias scenas horrorosas que presenceou durante a sua estadia no referido posto policial.

Assim, infelizes houve que, depois de brutalmente sovados pelos molossos dirigidos pelo rufião que dá pelo nome de Bandeira de Mello, foram mettidos em *solitarias* inquisitoriaes, tão pequenas e acanhadas que os pacientes só podem estar dentro dellas ajoelhados!

No tecto dessas masmorras existem orificios que servem para urinar em cima dos desgraçados, cujos gemidos de desespero e de afflicção o menos que conseguem é arrancar aos perros da ordem cynicas gargalhadas de satisfação!

Ao mais leve protesto, ao mais insignificante gesto de indignação são os martyres moidos com pancadas, cuspidos e vilipendiados com uma deshumanidade que só encontra parallelo na que caracterisava a quadrilha de Loyolla.

Mas não é só. Outros mais casos do mesmo medo revoltantes, nos revelou o operario Padilha, um dos quaes se relaciona com um nosso companheiro, dos que o *Curvello* conduziu para Barbados.

Trataremos desse assumpto no proximo numero, porque isto não vae a matar — é a canzoada do sr. Eloy fornece diariamente uma série interminavel de proezas dignas de registo...

Por hoje limitar-nos-emos a estigmatizar a violencia de que foi victima o operario nosso informante que esteve encarcerado 15 dias por pretender comprar sardinhas expostas á venda num mercado *livre*, perdendo em virtude disso o direito ao recebimento do seu ordenado referente ao mez de agosto, dada a impossibilidade de comparecer ao dia do pagamento ao pessoal da supracitada Companhia.

Na Senegambia não se praticam, nunca se praticaram semelhantes poucas vergonhas. Isto só se faz no Estado-*modelo*, sob a egide duma *troupe* de bandidos escolhidos entre a escumalha de aventureiros engravatados que fazem da politica o seu rendoso modo de vida!

Mas não ha duvida: Nero e Torquemada estão bem vingados da fama que lhes atira a historia...

O militarismo

Fala-se ás vezes de «um regime que se apoia sobre as bayonetas». Esta phrase significa um regime baseado sobre a força bruta, é opposto ao que se basearia sobre a lei e sobre o direito. Mas esta differença e este contraste não existem: longe de entre elles haver antimonia, ha identidade. Todos os regimens politicos existentes se apoiam sobre as bayonetas: todas as constituições, todas as leis teem por unica sancção o gendarme, e mais nenhuma.

O unico laço que une uma sociedade capitalista—composta como é de classes, cada uma das quaes trata do seu proprio interesse egoistico em detrimento do interesse das outras classes — é a Autoridade. A Autoridade é a fórma abstracta da oppressão concreta do mais fraco por parte do mais forte. Esta abstração encarna-se no homem fardado e armado; encarna-se no soldado. O soldado é pois o symbolo do principio fundamental do edificio do Estado e da Sociedade.

E' impossivel derribar este symbolo sem que seja logo abalada e em breve desabe toda a construcção. Tirae á actual ordem social e politica o principio de autoridade, e ter lhe-eis destruido a armação, tel-a-eis reduzido a um montão de escombros informes.

Atacar ou defender o militarismo não tem sentido algum, se não significa que se ataca ou se defende conscientemente, intencionalmente, o principio da luta dos egoismos de classe e da victoria daquella que estiver mais bem armada e organisada sobre as que o estiverem menos.

Onde está a logica de todos esses «pacifistas» que sonham a abolição do militarismo e querem ao mesmo tempo conservar a organisação social existente? Não se póde conservar esta sem conservar aquelle.

Parece que ha alguns Estados perfeitamente constituidos que exercem todas as funcções de organismo politico, e que todavia não conhecem militarismo de especie alguma. Mas isso é uma illusão que uma analyse mais attenta facilmente dissipa.

Vejamos no entanto: que é o militarismo?

A palavra é vaga. Presta-se a interpretações diversas. Diz-se: «O militarismo não é o facto da existencia do soldado; póde haver militares sem que por isso tenha de haver militarismo. E' até util que todos os cidadãos se exerçam no manejo das armas, o que lhes dá a confiança em si mesmo e eleva as virtudes civicas. Significa ser capaz de se defender a si proprio, assim como defender a patria. A luta é a condição da vida. E' a propria natureza que assim o quer. Devemos preparar-nos methodicamente para a luta. O soldado é um phenomeno normal, biologico, por assim dizer, de cada sociedade. Temos o soldado, mas nem por isso temos o militarismo. O militarismo só começa quando se faz do soldado, não já o meio, mas o fim do Estado, quando o exercito não é já uma instituição que serve para assegurar o livre funccionamento das outras, mas sim o parazita ávido, servido por todas as energias do Estado: o Estado subordinado ao exercito e reduzido a pretexto para existencia do exercito. Todas as forças vivas da Nação convergindo para o quartel e campo de manobras; todos os esforços intellectuaes, todos os progressos scientificos, todas as invenções technicas, tudo applicado ao aperfeiçoamento das armas; o official, typo ideal do homem na sociedade; as côres do uniforme, o rebrilhar das espadas, os galões, o pennacho, supremas ambições dos sonhos juvenis. Eis o que é militarismo.

Combatei-o á vontade, mas respeitae o soldado, servidor estoicamente dedicado do interesse collectivo.»

Pois bem! essa linguagem é sophisma puro. O militarismo desenvolve-se necessariamente, inevitavelmente, da propria existencia do exercito.

A China era sempre considerada como um Estado civilisado, como tendo ordem e até um exercito, embora não conhecesse o militarismo. Na Europa havia a Inglaterra, que despresava a carreira das armas como a China, havia a Suissa, cujos soldados sob a farda não deixavam de ser livres cidadãos. Os Estados Unidos tinham se feito o organismo politico mais poderoso do mundo, sem militarismo e quasi sem exercito. Portanto, póde haver Estado sem militarismo. Portanto póde-se combater este sem tocar na ordem social existente.

Não se póde, e estes exemplos amiude citados nada provam.

A China e a Suissa, a Inglaterra e os Estados Unidos apenas teem exercitos insufficientes. No dia em que o notem, tratam de se fortalecer, de augmentar a força armada, e cahem então logo no militarismo. (*) Logo que os exercitos começam a ter valor para alguma coisa, começam a ser cultivados e aperfeiçoados e em breve se tornam fim para si proprios; assim se chega ao militarismo. E' a lei de todas as instituições humanas: chegadas a certo grau de desenvolvimento, vivem sómente para si mesmas, querem crescer, perpetuar-se, dominar. O exercito, naturalmente, não faz excepção á esta regra.

Quanto aos defensores do militarismo, acabam por desconhecer o significativo das suas tendencias e predilecções. Harpagão esquece-se de que o dinheiro é o symbolo—o representante do valor—mas em si mesmo privado de qualquer utilidade para o homem, e Harpagão acaba por amar o dinheiro pelo dinheiro. Assim o campeão do militarismo perde a noção da força armada e o sentimento do symbolo que é uma tropa organisada, e acaba por amar e admirar o exercito pelo exercito.

E' preciso não perder de vista o verdadeiro sentido das coisas. O militarismo é o ultimo termo duma série logica de deducções, a a primeira das quaes—o ponto de partida—e a approvação, a admiração da ordem economica, social, politica existente. E a luta contra o militarismo não tem sentido se não é luta contra o proprio principio básico dessa ordem. Quereis a Autoridade? Então aqui tendes a força, a bayoneta e por fim o militarismo. Uma Autoridade sem sancção concreta não poderia manter-se. O regime capitalista sem militarismo marcha a direito e rapidamente para o esphacelamento.

Para que uma sociedade civil possa existir sem militarismo, necessario é que se baseie sobre outra coisa que não seja a autoridade. Ora, fóra da autoridade, só ha outro laço capaz de criar e conservar organismos collectivos: é a solidariedade.

O militarismo não passa dum pára-vento, e nós descobrimos que por traz delle se agitam essas forças elementares cuja luta determina a evolução da historia e que se pódem chamar autoridade e solidariedade—ou egoismo e altruismo — ou mais simplesmente, violencia e amor.

Max Nordau.

(*) Effectivamente, Max Nordau acertou na sua prophecia. Todos os paizes por elle citados estão hoje tanto ou mais militarisados do que os que já o estavam antes da grande conflagração.—(N. da R.)

O canto de sereia...

O sr. Conselheiro, na sua plataforma politica, exprime o desejo de ver «a Republica amada, por uma politica de tolerancia e de paz, forte e respeitada, pelo culto incessante da justiça e da liberdade.»

E' velha usança dos politicos prometterem mundos e fundos ao povo, sempre que se achem fóra do poder. Galgado este, lançam ás ortigas tudo quanto affirmaram, que o mesmo é dizer-se que não conhecem mais a lei...

O sr. Conselheiro não faz excepção á regra. O povo já sabe bem quem s. s. é... Depois, não temos ahi, para amostra, esse filho espurio das suas entranhas, que é o governicho Altino Arantes?

«Tal pae, tal filho»—diz o dictado. Por isso as patifarias da Inquisição paulista em nada desmerecem as que tem praticado o presidente-bis.

Tolerancia e paz, liberdade e justiça—que bellos euphemismos para encantar ingenuos!

A PLEBE continúa sendo impressa nas officinas do nosso presado collega — O COMBATE.

As greves

Em São Paulo

Exigindo mais respeito, melhor tratamento e menos exploração, declararam-se em gréve, no dia 22, os operarios da secção de tecelagem da fabrica Matarazzo, do Belemzinho. Nesse mesmo dia os grevistas distribuiram um manifesto, concitando o restante dos operarios daquella fabrica a lhes prestar solidariedade. Na noite de 23, tendo já os paredistas obtido a adhesão da secção de estamparia, reuniram-se na Liga Operaria do Belemzinho, onde passaram para o papel as suas reclamações. Essas reclamações que já foram divulgadas por outros jornaes, consistem no seguinte:

Demissão da fabrica ou remoção para uma outra secção do actual revistador de peças; pagamento das peças que contenham defeitos insignificantes ou que por distracção deixem de ser carimbadas; respeito absoluto dos directores, gerentes e mestres para com as operarias; dispensa do serviço, em caso de molestia, embora com perda de salarios.

Parte destas reclamações, em reunião que os representantes dos grevistas tiveram com a directoria das Industrias Reunidas F. Matarazzo, ficou para ser attendida e parte não.

A' vista disso a gréve continúa firme, tendo os grevistas da secção de tecelagem, obtido mais adhesões de todos os operarios que restavam na fabrica do Belemzinho e de grande parte da fabrica Mariangela, tambem pertencente á firma Matarazzo.

No Rio Grande do Sul

Continuam persistentes em sua parede os ferroviarios do Rio Grande do Sul. Segundo escreve o «Paraná», o movimento está assumindo um caracter bastante serio vendo-se o governo em difficuldades para suffocal-o.

Os commerciantes e fazendeiros têm auxiliado os grevistas, fornecendo-lhes generos e rezes.

Não obstante, commissões de grevistas percorrem o commercio, pedindo-lhe dinheiro para melhor conseguirem manter a greve.

E' em Santa Maria que a situação é mais grave. Nesta cidade os paredistas incendiaram as pontes e pontilhões das circumvizinhanças.

Estragos semelhantes praticaram tambem até o kilometro 17 da linha de Porto Alegre.

Os bueiros não têm sido poupados.

Na linha da serra, no kilometro 12, os grevistas arrancaram todos os trilhos, postos telegraphicos e dormentes, tendo feito voar á dynamite a ponte metallica que existe sobre o rio Vacaby.

Na linha Cassias outra ponte foi arrancada e jogada para baixo.

Em varias partes o povo já se ligou aos grevistas e tem commettido depredações de vulto.

O sr. Cartwright, director da Viação Ferrea, desde que chegou a Santa Maria não sabiu do carro em que viajou, o qual está guarnecido por forte destacamento de praças do exercito.

No conflicto havido em Santa Maria, entre os grevistas e a policia, verificaram-se quatro mortos e 32 feridos, dos quaes 12 estão em estado grave. O enterro das victimas foi concorridissimo e o povo responsabilisou o tenente Santos Rosa por essa chacina.

De Santa Maria foram dirigidos varios telegrammas ao general Carlos de Mesquita, commandante desta região militar, protestando e pedindo providencias contra o acto do destacamento militar do exercito, que disparou contra o povo.

O general Carlos Mesquita em telegramma, prometteu tomar medidas sérias, abrindo um rigoroso inquerito a respeito do caso.

O «Correio da Serra» publicou o resultado de uma entrevista com varios grevistas, que declararam que a Viação tenta baldadamente reconstruir os trechos damnificados, pois não permittirão elles que corram trens emquanto não forem satisfeitos em suas pretensões. Declararam mais que os seus collegas continuarão a arrancar trilhos e damnificar as pontes, e a cortar as linhas telegraphicas.

Em consequencia da gréve o serviço de transporte de malas postaes tem soffrido grandes atrazos e a vida commercial de importação e exportação tem sido grandemente prejudicada.

O trafego está quasi que totalmente paralysado.

O governo do Rio Grande, achando justissimas as reclamações dos ferroviarios, trata com a Viação Ferrea os meios de pôr termo ao movimento.

A Federação Operaria, segundo um telegramma dirigido á União Protectora de Santa Maria, está agindo e prepara a gréve geral.

O governo abriu inquerito para apurar a quem cabe a responsabilidade do conflicto de Santa Maria.

O sr. Cartwright, por intermedio do advogado da Viação, propoz um accordo aos grevistas, que não o satisfez.

Na Argentina

Prosegue firme a gréve em Buenos-Ayres.

A classe maritima, em solidariedade, adheriu ao movimento, já tendo sido suspensas as viagens para Montevidéu.

Os operarios das jazidas de petroleo de Commodoro Rivadavia voltaram ao trabalho, em vista de terem obtido o augmento de seus salarios.

O pulhismo dum "desejavel,,

A conflagração europeia, tendo produzido o total desequilibrio economico das nações em geral, tem dado origem a agitações proletarias de toda a natureza, despertando para a luta pela existencia centenares de energias adormecidas.

Nos proprios paizes em guerra a questão operaria conturba a cada passo os horizontes capitalistas, movendo os governos a mostrarem-se menos atrabiliarios e injustos para com os reprobos da sociedade.

Dando razão ás classes trabalhadoras, A. Amaral escrevia ha tempos no matutino carioca *Correio da Manhã*, de que é actual redactor-chefe:

«O proletariado acordou e está resolvido a vender caro a pelle, de preferencia a voltar aos jejuns de outr'ora. A unica solução para escapar á revolução será recomeçar as aventuras imperialistas, que poderão ser lucrativas e que servirão, em todo o caso, para distrahir as attenções das massas populares do tremendo problema domestico.»

Pois muito bem. A. Amaral que, como se deprehende do periodo transcripto, parecia imbuido dum espirito novo e sadio, é o mesmo individuo que no Rio reclama agora a exterminação de todos os operarios *que já não dormem*, creando para elles o titulo de «indesejaveis»...

Veja, pois, o leitor de que casta é o *bull-dog* que nos anda ladrando ás canellas. A troco dum osso mais ou menos respeitavel, pulverisa hoje o que hontem glorificava.

Pulha, pulha, tres vezes pulha!

REGISTEMOS

«Nós queremos sahir, deste massacre, para um mundo novo, melhor e desejamos ver menos pobreza, menos luxo. Queremos um genero de vida melhor, mais liberdade economica e mais segurança para todos os trabalhadores do mundo, onde não haverá mais ricos nem pobres. Para attingir esse fim o militarismo deve ser rechassado da face da terra.»

(Trecho de um discurso do general Smuts, pronunciado perante um auditorio de 60 mil pessoas, em Londres).

Os "Bastones,, no Rio

Respondendo ao repto de Juvenal Leal, inserto no ultimo numero da A PLEBE, recebemos mais uma carta do seu accusador, que mantem todas as informações feitas sobre o assumpto em questão.

Não sendo nenhum calumniador vulgar, declina a sua identidade, estando á disposição do ex-secretario da União da Construcção Civil para lhe comprovar quanto delle disse.

Chama-se Antonio Bento Lino e reside na Villa Marechal Hermes, 5.

Pro-victimas da policia

Estão na mais triste condição algumas das familias dos operarios que a policia ultimamente expulsou do territorio nacional e de outros que tiveram de se refugiar, por temerem as suas barbaras perseguições.

Soube-se ha dias que no meio dessas victimas ha crianças reduzidas á fome.

Houve alguem que sem ser operario — porque é grande industrial, sem ser anarchista — porque é somente republicano liberal, se lembrou de convocar uma reunião de pessoas de bons sentimentos, afim de serem combinados os meios para pôr um fim a esta vergonhosa situação.

Discutiu-se o assumpto detidamente e uma ideia ficou bem nitida no espirito de todos: a policia não agiu para manter a ordem publica, mas sim para provocar a desordem, com o fim de tirar uma desforra atoleimada, que poderá ter tristes consequencias.

A acção da policia é ignobil, desastrada, perigosa.

Sómente a actuação incançavel de algumas pessôas de prestigio e de espirito conciliador entre o operariado, tem conseguido evitar uma explosão de legitima revolta dos que a custo têm suffocado a sua indignação.

Ficou constituido um comité e esse comité, composto de cidadãos de diversas classes e de diversos matizes politicos, tomou a seu cargo angariar donativos para amparar as familias abandonadas na mais negra miseria e torturadas pela dôr moral de não saberem ao certo o paradeiro dos seus paes, filhos ou irmãos, que a policia, com inconsciente malvadez, arrancou aos seus lares.

Entre os presentes foi aberta uma collecta, tendo-se tambem resolvido nomear diversos sub-comités nos arrabaldes da Capital e no Interior, com o fim de serem distribuidas listas de subscripção em beneficio das familias victimadas pela maldade grosseira dos que só por sarcasmo pódem ser denominados mantenedores da ordem.

Pelo Comité, — *Antonio Mondego.*

Mais um deportado que nos escreve

O nosso camarada Zeferino Oliva, deportado pela inquisição do largo do Palacio, endereçou-nos uma extensa carta, na qual nos informava encontrar-se no Pará desde o dia em que o *Curcellé* aportou áquella cidade.

Foi a propria policia paraense que o restituiu á liberdade por verificar a falsidade das informações do governo de S. Paulo que apontava os deportados como caftens e ladrões perigosos quando os passaportes pelo mesmo forjados affirmavam serem elles passageiros em livre transito.

Os cinco restantes companheiros de Zeferino, recusaram-se a desembarcar no Pará, com receio de que a policia d'ahi declarando-os livres, lhes pretendesse armar qualquer cilada.

O desastre da rua Libero

Dominados por uma indignação que a custo podemos conter, á que vimos, mais uma vez, por estas columnas, gritar contra a ganancia desmedida dos capitalistas e dos proprietarios que, na ambição de auferirem grandes proventos, não olharem a vida dos operarios a minima segurança.

Desta occasião o que nos leva a escrever assim é o horrivel desastre da rua Libero, no qual um companheiro nosso, um trabalhador incançavel, perdeu a sua existencia, arrastando na sua quéda de um andaime bem alto, dois outros operarios que se feriram gravemente e deixando paes e irmãos no meio de uma dôr immensa, inenarravel.

O andaime em questão não proporcionava aos operarios a menor estabilidade. Tanto é verdade isso que bastou que um vento soprasse com um pouco mais de intensidade para que elle ruisse por terra, occasionando o desastre, cuja responsabilidade cabe, portanto, ao insaciavel explorador Medici e ao infame engenheiro Michelle que, de mãos dadas com os proprietarios capitalistas, tambem pouco se preoccupa com a segurança dos operarios que lhe enchem os bolsos.

Este typo, para melhor pôr á prova os seus baixos sentimentos, atirou, por escarneo, á familia do morto, a quantia de 150$000 para o enterro da sua victima.

Apontando ao operariado e á execração publica, Medici e Michele, como os assassinos de Oreste Bazitto, associamo-nos á enorme dôr da sua familia.

Palavras dôces...

O sr. Rodrigues Alves, na sua famosa plataforma politica, falla muito de tolerancia e de sollicitude...

Não ha duvida: essas «coisas» superabundam em S. Paulo de tal maneira que o operariado nem sequer póde piar...

E note-se que são os afilhados do velho conselheiro os portadores da terrivel mordaça...

A policia, os patrões e os grevistas

Um lacaio do Matarazzo, que na gerencia da fabrica Mariangela occupa lugar de destaque, tentou oppôr-se á propagação ali do movimento grevista dizendo ás operarias uma infinidade de coisas sem nexo. Desobedecido em toda a linha, o canalha aggrediu uma dellas, que mais saliente se mostrava, indo depois muito satisfeito da façanha chamar o soccorro da policia, que dispersou á chanfalhada as agglomerações de grevistas.

Como os leitores vêm os exploradores do nosso suor já se não contentam unicamente em reduzir-nos á miseria. Vão mais longe: aggridem e insultam quem ousa reagir contra a sua ganancia e falta de escrupulo.

Nem já poupam as mulheres, os bandidos! Depois querem que o povo se cale e humilhe, deixando-os á vontade fazer a digestão!

Aconselhamos as operarias em gréve a resistir até á ultima hora, mantendo-se unidas e cohesas sem dar ouvidos ás cantatas dos palhastres que as pretendem subjugar e submetter por meio de promessas fallazes e traiçoeiras.

Procedendo assim, fiquem certas as companheiras grevistas que a victoria lhes caberá inteiramente, tanto mais que a causa por que lutam é das mais justas e das mais humanas.

— O companheiro Antonio Vidal, preso violentamente pela policia quando no Belemzinho conversava com outros operarios a respeito da gréve, continúa encarcerado não se sabendo em que xadrez.

Varias commissões de operarios e operarias têm ido solicitar a soltura desse trabalhador, mas as autoridades recusam-se attendel-as.

— O delegado do Braz offereceu-se para servir de intermediario entre os grevistas e os patrões. Semelhante intervenção foi repellida energicamente pelos operarios, que pretendem, elles proprios, defender os seus legitimos interesses.

Muito bem.

"Aos operarios,,

«Aos operarios» é um livrinho de 62 paginas de Lyoff Tolstoi. Num estylo elegante e facil, ao alcance dos operarios que não tiveram a felicidade de se instruirem um pouco mais que o necessario, é cheio de conselhos que valem ouro ou talvez mais que ouro. Começa o grande mestre:

«Resta-me pouco tempo de vida e quero, antes de morrer, dizer-vos, operarios, o que tenho pensado acerca da vossa situação d'opprimidos e dos meios de vos libertardes.

«Do que penso (e bastante tenho pensado), alguma cousa vos póde ser util.

«Dirijo-me naturalmente aos operarios russos, entre os quaes eu vivo, por serem os que melhor conheço, mas espero que os meus pensamentos tambem poderão ser uteis aos dos outros paizes.»

Depois expõe a condição miseravel do trabalhador, que, apezar de muito trabalho nada consegue, nem mesmo gosar o producto desse trabalho.

Com um sólido commentario e bella critica, Tolstoi faz vêr ao operario que não será com o socialismo que elle conseguirá a sua liberdade. A liberdade do homem está na terra livre, e o socialismo nada diz a esse respeito. Apresenta ao leitor uma carta de um aldeão russo a um seu conhecido, cuja carta vem provar que a melhoria do trabalhador está na terra livre.

No VIII capitulo aprofunda-se mais o seu genio, esclarecendo ao operario os motivos que o prendem á escravatura. Diz elle: «...No caso duma tentativa por parte dos obreiros de aproveitarem a terra, ver-se-ia contra elles tropas que os castigaria...

matariam e degollariam, entregando outra vez a terra aos proprietarios. E essas tropas são compostas d'obreiros como vós, de maneira que vós mesmos, os obreiros, entrando ao serviço do exercito e obedecendo ás autoridades militares, daes aos proprietarios a possibilidade de possuirem as terras que vos pertencem.»

Os exercitos foram creados em apparencia para conter o extrangeiro, mas na realidade para opprimir o habitante — J. J. Rousseau.

E', pois, operarios amigos, um dever vosso e mesmo obrigação evitardes quanto puderdes que vossos filhos entrem para essas linhas de tiro, essa peste que ora grassa no Brasil.

Esqueceu-se o sr. ministro da Guerra que essa terrivel carnificina na Europa póde resolver muita cousa... Além disso, o sr. Faria pensa que o Brasil é uma Allemanha, uma Belgica ou uma França que para garantirem a sua vida interna precisam, infelizmente, de grandes exercitos. Não; o Brasil precisa de gente para trabalhar, ser cultivada essa terra e não espesinhada por essa machina que degenera a Humanidade: o soldado.

Affonso Carneiro

Rio, 16-10-917.

A DANÇA E O FOOT-BALL

A' MOCIDADE

Lastimando profundamente o estado em que se encontra a juventude contemporanea, em relação ao seu valor physico, moral e intellectual, afigura-se-nos opportuno bordar algumas considerações a respeito.

Presentemente, a juventude está corrompida pelos divertimentos mais prejudiciaes ao organismo e á educação.

Uma infinidade de rapazes atira-se inconscientemente á dança e ao foot-ball, duas calamidades modernas que dizimam milhares de seres humanos.

A dança, hoje em dia, bate o *record* da immoralidade, attinge o apogeu da loucura e do crime.

As sociedades dançantes e os clubs de foot-ball pullulam nos bairros suburbanos, onde é grande a população proletaria.

Disse um abalisado moralista que *a dança é a porta da prostituição*, pois que a legião de raparigas que concorre aos bailes se corrompe e perverte.

Na verdade, além de causadora da desgraça de tantas raparigas, a dança é tambem a corruptora de numerosos rapazes...

O foot-ball attrae, egualmente, milhares de rapazes que se exercitam no funesto jogo com um selvagismo atroz.

Esses rapazes, inconscientes e despreoccupados, de nada se arreceiam: por isso quebram as pernas e os braços, estragam o apparelho digestivo, affectam os pulmões, se arruinam, emfim, para todo o sempre.

O foot-ball é uma diversão violenta. Além de produzir o mal physico, produz tambem o mal moral. Em certas occasiões, no fervor do jogo, um simples *goal* basta a originar contendas, onde não raras vezes ha feridos.

Mais uteis á humanidade e a si proprios seriam esses rapazes se em logar de se occuparem de semelhantes passatempos, ingressassem antes nos Syndicatos e Ligas Operarias, afim de poderem enfrentar o vilissimo patronato.

Mais prestimosos á causa da emancipação e da fraternidade se revelariam todos esses amantes da orgia e da bohemia se, em vez de concorrerem diariamente aos ensaios de dança e aos treinos da bola, affluissem ás escolas e frequentassem as bibliothecas em busca de conhecimentos de reconhecida utilidade.

Que se associe, pois, economicamente, a juventude ora transviada pelos meios sportivos. Só assim evitará de rolar, como uma bola, para o abysmo...

ZEJO COSTA.

Aos assignantes e agentes d'A PLEBE

Estamos procedendo á cobrança da A PLEBE. Appellamos, por isso, para todos os nossos assignantes, pedindo-lhes não demorem muito o pagamento dos respectivos recibos. Aquelles que residem em pontos afastados bastante nos obsequiarão enviando-nos directamente as importancias de suas assignaturas. Egual procedimento poderá ser adoptado pelos que não queiram esperar pela visita do nosso cobrador.

Os agentes de venda d'esta folha tambem nos poderão remetter os seus debitos, favor que muito lhe agradeceremos.

O patriotismo é uma comedia democratica.—JOSÉ DE MAISTE.

"A PLEBE" POR AHI A FÓRA

Em Piracicaba

Um companheiro que morre

Falleceu hontem nesta cidade, após prolongados padecimentos, o nosso dedicado companheiro Paschoal Guerini, um dos fundadores da Liga Operaria local e homem de ideaes avançados.

Ao seu enterro, que se realisou hoje, compareceu grande numero de operarios e camaradas e uma commissão da Liga Operaria, com a respectiva bandeira.

Ao baixar á sepultura o corpo do nosso grande amigo, prematuramente arrancado da nossa convivencia, falaram os companheiros Mario e Manoel Alves que, em palavras sentidas, se referiram ao morto, apresentando-lhe o seu ultimo adeus. — 19-10-917. — *M. A.*

O monte cresce...

O Brasil vae entrar na guerra. Assim o exigem os potentados, hypocritamente indignados com o afundamento dos vapores nacionaes.

E' bom não esquecer que o sr. Nilo Peçanha declarou, ainda ha pouco, que ninguem iria para o matadouro... A palavra de s. ex.ª está tendo agora plena confirmação...

Quantos milhares de homens serão ainda immolados ao terrivel e insaciavel Moloch?!...

Brasil vs. Cafraria

Assanhados guerristas andam por ahi praticando desacatos de toda a ordem, como se estivessem em paiz recentemente conquistado.

Na sexta-feira, a estação da Luz e suas proximidades estiveram em verdadeiro estado de sitio, pois que esses matulões a ninguem guardavam respeito, querendo á viva força que toda a gente lhes dissesse em que terra haviam nascido.

Se o interpellado era portuguez ou italiano, obrigavam-n'o a assignar um papel qualquer, que lhe diziam ser o *requerimento de alistamento militar.*

Um pobre velho que pretendia embarcar para o interior, ao declarar que havia nascido em Portugal, foi maltratado pela malandrina sem nenhuma contemplação pela sua edade, não deixando que elle seguisse o seu destino e roubando-lhe um sacco com objectos de seu uso!

Identicas proezas nos foram relatadas por testemunhas oculares desses factos. Abstemo-nos, porém, de registral-as, visto como em duas palavras se diz tudo: o Brasil caminha a passos de gigante para a Cafraria!...

ULTIMA HORA

A' hora do nosso jornal entrar para a machina são numerosas as adhesões recebidas pelos grevistas de companheiros e companheiras doutras fabricas de S. Paulo.

E' de presumir, pois, que o movimento se generalise grandemente, caso as gerencias das fabricas do Belemzinho e Mariangela se obstinem em postergar as reclamações que lhes foram formuladas.

Obras que os operarios devem lêr

EM PORTUGUEZ

Obra	Preço
Francis Delaisi, "Os financeiros, os politicos e A Guerra"	$300
Gustavo Landener, "A Social Democracia na Alemanha"	$200
Saint Barb, "Pequenas coplas"	$100
Um pai de familia, "O Baptismo"	$200
Luiz Bulfi, «Greve de Ventres»	$200
Brito Bitencourt, «Catecismo ateu»	$200
José Rizal, «Noli me taugere»	$600
Saturnino Barbosa, «Ensaio de critica racionalista»	1$000
Errico Malatesta, "Programa socialista-anarquista-revolucionario"	$100
» » « Entre camponeses »	$200
Neno Vasco, «Da Porta da Europa»	2$500
» » « Giórgicas » (ao trabalhador rural)	$100
B. Peres Galdós, «Electra» (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, « O Papa Negro »	2$000
Carlos Dias, " Semeando para colher"	$200
Guerra Junqueiro, " A velhice do Padre Eterno "	2$000
Pedro Kropótkine, " O comunismo anarquico "	$200
Chacon Siciliani, " Mentiras Divinas " (cartas aos crentes)	1$700
Adolfo Lima, "O ensino da Historia", 1 fol. de 63 pag.	$700
» » "O Teatro na Escola"	$400
Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congressos Operarios Brasileiros	1$200
Cantos Sociais (diversos autores)	$200
Almanaque de "A Aurora", para 1913	1$000
Almanaque de "O Livre Pensador"	$800
Marco A. Pancete, "Giordano Bruno"	$200
Pedro do Melo, «Sonho dantesco»	$200
Domingos Zapata, «As 67 celebres perguntas»	$200
I. A. Betoldi, "O Livro da Verdade"	$500
José Augusto de Castro, "Mensageiro da morte" (Poema anti-jesuitico)	$100
Ex-padre Guilherme Dias, «O que é o celibato»	$200
Natanael Pereira, "A educação religiosa"	$200
Eugène Pelletan, «A Inquisição»	$200
Dr. N. Rouby, «O Sagrado coração de Jesus»	$200
Eliseu Reclus, «Evolução, Revolução e Ideal Anarquista»	1$500
Barón de Holbach, "Sistema de la Naturaleza" 2 vol.	2$000
» » "El Nuevo Dios" Teologia pero razonable	1$000
Pompeyo Gener, "La Muerte y el Diablo" 2 vol.	2$000
J. Novicow, "La emancipación de la mujer"	1$000
Elias Reclús, "Los primitivos" 2 vol.	2$000
E. Murisier, "Enfermedades del sentimiento religioso"	1$000
José Rizal, "El Filisbusterismo" 2 vol.	2$000
Donato Lubon, "El Catolicismo y sus luchas con el Estado" 2 vol.	2$000
Carlos Darvin, "El origem del hombre"	1$000
» » "El pasado y el porvenir de la Humanidad"	1$000
L. Arreat, "De frente al ateismo"	1$000
C. Letorneau, "Ciencia y Materialismo"	1$000
P. J Proudhon, "La única salvación" (Filosofia Popular)	1$000
E. Burnouf, "La Ciencia de las Religiones" 2 vol.	2$000
H. Chabanne, "La organización del trabajo"	1$000
P. Chiniski, "El Confesor, la Confesión, la Confesada"	1$000
L. Ferri, "La impiedad triunfante"	1$000
E. Malatesta, "En el café"	$300
» » "Entre campesinos"	$200
Gustavo Herve, "La humanidad futura"	400
Albert Riahsad, "Manual del socialista"	400
Juan Jaurés, "La paz y el socialismo"	400
Carlos Malato, "Desenvolvimiento de la humanidad"	200
Enrique Garcia, "El contraste social"	200
Conde Leon Tolstoy, "El derecho á la vida"	400
" " " "Nuevas orientaciones"	400
Proudon, "Psicologia de la revolución"	400
Pedro Kropotkine, "El Estado"	400
Eliseo Reclús, "El porvenir de nuestros hijos"	200
Samuel Smiles, "La disciplina de la experiencia"	200

EM ESPANHOL

Obra	Preço
Francisco Gica, "Lo que entiendo por libre pensamiento"	$300
Por varios autores, "El romance anticlerical" (primeiro tomo)	$300